

ANDRADE, Josiana Barbosa.  
*Um retorno à filosofia de Simone  
de Beauvoir: gênese e estrutura.*  
Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Sagarana, 2024.

Em “Um retorno à filosofia de Simone de Beauvoir: gênese e estrutura”, Josiana Barbosa Andrade insere-se no debate sobre a autenticidade da filosofia beauvoiriana, dialogando criticamente com as interpretações que buscaram explicar ou justificar a obra de Beauvoir a partir de um ponto de vista externo, o qual desconsidera a originalidade da filósofa. A autora aponta um problema metodológico nessas interpretações, sugerindo que sua filosofia ainda é desconhecida.

Andrade mostra que grande parte dos estudiosos e das estudiosas do pensamento de Beauvoir privilegiou interpretações que acabaram por escantear o que há de autêntico na filosofia beauvoiriana. Seja interpretando sua obra como uma aplicação ou continuação da filosofia de Jean Paul-Sartre, comparativamente a ou diferente desta, à luz de outras filosofias (tais como a de G. W. F. Hegel, de Maurice Merleau-Ponty, etc.), ou mesmo defendendo sua originalidade somente a partir de suas contribuições feministas em *O Segundo Sexo*, Beauvoir foi reduzida, em suas palavras, a “uma espécie de gineceu filosófico” (2024, p. 25). O diagnóstico de Andrade é de que “buscaram posicioná-la dentro de um gineceu, quando todo o seu pensamento fora elaborado na ágora, que ela se esforçou para habitar como alguém que estava a problematizar a realidade humana” (2024, p. 28). Por isso, a perspectiva filosófica na qual ela se insere - o existencialismo francês - aparece, para a autora, como algo heterônomo em relação a ela, uma vez que nos manuais de filosofia seu nome raramente aparece como parte fundante do movimento francês.

Partindo da ideia de que Beauvoir definiu sua concepção de existencialismo, ponto de vista a partir do qual elaborou sua filosofia, Andrade reivindica um lugar para a filósofa na lista de fundadores do existencialismo francês, colocando-a não mais como uma mera “aplicadora” de outras filosofias nem como uma total “alheia” ao movimento, mas como parte constituinte dele.

\* Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). brunamgb7@gmail.com

Ela reforça que Sartre e Merleau-Ponty não foram seus mestres, mas seus interlocutores. Isso significa que a troca foi mútua, não unilateral, de modo que seria equivocado dizer que ela foi “influenciada” por eles sem afirmar que eles também foram “influenciados” por ela.

No esforço de explicitar a desconhecida filosofia beauvoiriana, Andrade assume a leitura na qual a obra de Beauvoir é, em seu conjunto, filosófica, de modo que o filosófico é o plano por meio do qual as 3 dimensões da obra beauvoiriana - teórica, literária e prática - se entrelaçam. A hipótese que Andrade defende é de que “*Simone de Beauvoir se reconheceu filósofa e elaborou uma filosofia singular, cuja gênese remete às inquietações existenciais da juventude que se converteram em problemas filosóficos em sua obra publicada*” (2024, p. 37). Ao investigar essa trajetória, a autora detalha como o pensamento beauvoiriano não é um produto final acabado, mas um processo contínuo de elaboração. Ela analisa como as inquietações que permeavam a jovem Beauvoir transformaram-se em conceitos estruturantes de seu pensamento. Isso pode ser percebido na forma como ela articula tais questões por meio dos diferentes gêneros que compõem sua obra, conferindo à sua produção um caráter reflexivo que desmistifica a separação entre sua escrita literária e o rigor filosófico.

O ponto de partida da filosofia beauvoiriana é a experiência vivida no mundo. Isso significa que, ao invés de partir de conceitos abstratos, Beauvoir parte da realidade concreta para, então, construir seu pensamento. Andrade mostra isso trazendo passagens dos cadernos de juventude (*Cahiers du Jeunesse*) da filósofa, escritos nos anos de 1927 a 1929, período no qual era estudante de filosofia na Sorbonne. Um marco fundamental desse período em sua trajetória foi seu rompimento com o catolicismo. Criada sob a forte influência de uma mãe extremamente devota, seu percurso parecia predestinado ao modelo convencional reservado às mulheres de famílias burguesas da época: o casamento e a maternidade. Contudo, a ruína financeira de seu pai e o estímulo que ele dedicava às leituras dela acabaram por reconfigurar esse horizonte, preparando-a para caminhos distintos. Ao afastar-se da crença em Deus, Beauvoir concentrou seus esforços na vida acadêmica com o propósito de construir uma carreira como professora de filosofia. Conforme ressalta Andrade, essa transição evidencia como o pensamento beauvoiriano carrega, desde as suas origens na juventude, o firme compromisso pessoal de buscar sempre o alinhamento entre “o pensar com o viver” (2024, p. 88).

Embora a obra de Beauvoir seja amplamente vista como fragmentada por não se enquadrar em um sistema filosófico tradicional ou “fechado”, Andrade contesta essa interpretação. Para ela, sua obra deve ser compreendida como

uma *totalidade-destotalizada*. Isso significa que “ela não é *derivada* de um princípio ou de um conceito superior por meio do qual todo o conjunto seria subordinado, mas se organizou por meio de um entrelaçamento de temas, problemas e noções filosóficas que se relacionam entre si, reciprocamente, que não caminham em uma direção única” (2024, p. 47). Ainda que a própria filósofa tenha recusado a enquadrar-se em um sistema filosófico tradicional, isso não significa que seu pensamento careça de originalidade e rigor. Pelo contrário, ela foi além ao ter colaborado diretamente para a consolidação de um novo movimento: o existencialismo francês. E foi a partir da perspectiva existencialista que ela elaborou sua filosofia singular, de acordo com Andrade.

Essa reflexão é importante por duas razões. Primeiro, para entender que a obra beauvoiriana não se reduz ao tema do feminismo. Segundo, para entender que condicionar seu pensamento a outras filosofias é diferente de mostrar que Beauvoir está engajada no debate filosófico. Diante de sua formação acadêmica em Filosofia, é natural que sua bagagem intelectual tenha sido constituída pelo pensamento de diversos filósofos, dentre os quais se destacam G. W. F. Hegel, Henri Bergson, G. W. Leibniz, Søren Kierkegaard e Martin Heidegger. Além disso, ela mantinha uma interlocução com os pensadores que consolidaram o existencialismo francês, tais como Sartre e Merleau-Ponty, uma vez que integrava o próprio movimento. A questão é que *ela estava ocupando o mesmo lugar que um filósofo reconhecido como tal*: o de diálogo com a tradição e de interlocução com o seu tempo, construindo, ao lado de seus interlocutores, suas contribuições para a Filosofia. Contudo, por mais evidente que isso possa ser, seus contemporâneos optaram por não o reconhecer. Em consequência disso, sua obra acabou sendo reduzida à dimensão da condição feminina, passando a figurar apenas como um referencial histórico e biográfico para os pesquisadores de Sartre e Merleau-Ponty, considerados os fundadores “oficiais” do existencialismo francês. Nesse sentido, Andrade formula a seguinte reflexão:

*Se Simone de Beauvoir não foi, muitas vezes, reconhecida como uma filósofa, é porque o próprio sentido original da filosofia, em nosso mundo, permanece no esquecimento. Acostumadas e acostumados apenas com as descrições raio-x da vida humana, não conseguiram reconhecê-la quando foi exprimida em suas cores vivas, pela filósofa. E eis que o existencialismo beauvoiriano está a se revelar uma filosofia, par excellence, em vez de um sistema filosófico cadavérico (Andrade, 2024, p. 108).*

Qual é, então, a contribuição de Beauvoir para o existencialismo? Andrade mostra que o existencialismo, segundo a perspectiva beauvoiriana, “*é uma filosofia da ambiguidade que busca defender não somente a condição de liberdade do ser humano, mas também a existência de possibilidades concretas para essa liberdade*” (2024, p. 97). Para revelar esta filosofia singular, Andrade parte da noção de metafísica da filósofa, compreendida como “uma atitude e experiência humana do/no mundo” (2024, p. 119), mostrando que o aspecto metafísico fundamental da condição humana, para Beauvoir, é a ambiguidade de ser, ao mesmo tempo, sujeito e outro. Isto é, nossa existência no mundo é caracterizada simultaneamente pela condição de sermos sujeitos perante os outros e outro para esses sujeitos.

Nesse contexto, Andrade ressalta um aspecto fundamental: a relação entre o sujeito e o outro constitui o cerne do pensamento beauvoiriano. De acordo com a autora, foi justamente a partir dessa premissa que Beauvoir se consolidou como a pensadora do existencialismo francês mais engajada na investigação das implicações éticas e políticas da ambiguidade ontológica. Essa fundamentação explica o vigor com que a filósofa se dedicou a analisar as estruturas de desigualdade, tematizando as diversas configurações de opressão que atravessam a realidade humana concreta.

Em síntese, o livro de Josiana Barbosa Andrade vai além de uma simples reafirmação do lugar de Beauvoir na história da Filosofia: ele reconstrói o percurso rigoroso e a singularidade do pensamento da filósofa. Ao demonstrar que a filosofia beauvoiriana opera como uma totalidade-destotalizada indissociável da experiência vivida, Andrade não apenas corrige interpretações que historicamente a marginalizaram, mas devolve à filósofa o seu lugar de protagonista no existencialismo francês. Trata-se, portanto, de uma leitura indispensável para pesquisadores e estudantes que buscam compreender a profundidade das contribuições de Beauvoir, afastando-se das leituras redutoras que, por tanto tempo, obscureceram a força de seu pensamento. Com este “retorno”, a autora reafirma, em definitivo, que Beauvoir não apenas habitou a agora filosófica: ela a transformou.

por Bruna Mello Gomes Bernardes